

**Entre *scripts* e irradiações: uma análise sobre as fontes que nos possibilitam estudos de programas educacionais radiofônicos nas décadas de 1930 e 1940.<sup>1</sup>**

Patrícia Coelho<sup>2</sup>

Universidade de São Paulo (USP)/ FAPESP

RESUMO

Este texto apresenta uma reflexão sobre as dimensões oral e escrita presentes na linguagem radiofônica, que são fundamentais para as investigações sobre a história da educação por meio do rádio. O objetivo consiste em apontar diferentes possibilidades de análise das diversas fontes, que envolvem a pesquisa do passado da radiofonia educacional, sejam elas escritas, tais como roteiros, relatórios, textos, ou orais, tais como as gravações dos programas. Em especial, o foco desta análise recai sobre as seguintes programações: Viagem através do Brasil, Universidade do ar e Ouvindo aprendendo, irradiadas entre o final da década de 1930 e início dos anos 1940. Sendo assim, o artigo oferece uma abordagem multidisciplinar, pois seu objeto perpassa pelos campos da história, da história da educação e da comunicação.

Palavras-chave: rádio; história; educação; oralidade; escritura.

Ainda na década de 1930, ao escolher os responsáveis pela irradiação de programas educacionais da Rádio Escola Municipal (PRD5), Edgard Roquette-Pinto considerava o timbre da voz, a dicção, a entonação e tantos fatores fundamentais para transformar o ato da simples leitura em irradiação. Por outro lado, não se pode esquecer que muitas são as fontes escritas que envolvem o mundo da radiofonia: *scripts*<sup>3</sup> relatórios, e artigos publicados em jornais e revistas especializadas.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, XI Encontro de Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências de Comunicação.

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo. Bolsista FAPESP. Email: pacoel@bol.com.br.

<sup>3</sup> Defino *script* como o texto elaborado para leitura ao microfone da rádio. O *script* tem seu conteúdo marcado com sinais que indicam pausas, intervalos com execuções de músicas e partes destacadas para que a leitura fosse realizada com maior entonação.

Sendo assim, percebo o rádio tanto no domínio da oralidade quanto da escrita, pois, ainda que o conteúdo da mensagem seja consumido por meio da audição, há toda uma produção de textos especificamente criados para as transmissões. É possível identificar que, sob alguns aspectos, esses dois domínios estejam muito próximos, mas penso que eles devam ser examinados sob ângulos distintos, pois geram impactos diferentes sobre os sujeitos, embora não seja possível o isolar cada um desses fatores.

Este trabalho visa refletir sobre as dimensões da oralidade e da escritura, presentes na linguagem radiofônica, que serão separadas, somente para este fim, na busca de meios de análise para as fontes que envolvem a história da educação através do rádio. Trabalharei, em especial com os *scripts*, textos criados para a leitura ao microfone das rádios. Ao elaborá-los, o autor, que nem sempre é responsável por sua irradiação, é orientado por certas preocupações referentes à sua transmissão ao público ouvinte: a seleção das palavras, a clareza da mensagem, e o tempo de que dispõe para apresentá-la.

Os *scripts* utilizados para esta reflexão se referem aos programas *Viagem através do Brasil*, sob a responsabilidade de Ariosto Espinheira, a *Universidade do ar*, organizado pelo Ministério de Educação, e *Ouvindo e aprendendo*, elaborado por Genolino Amado. Estas programações compartilham o propósito educacional idealizado por intelectuais ligados ao movimento da educação por meio do rádio, em um momento em que as estações já apresentavam uma tendência comercial cada vez mais clara, razão pela qual, a preocupação com a conquista da audiência passava a ser fundamental. A primeira programação citada, *Viagem através do Brasil*, tinha como tema a geografia do nosso país. Dirigida ao público infantil, foi transmitida pela Rádio Jornal do Brasil, durante um ano a partir de agosto de 1936. O segundo programa mencionado, *Universidade do ar*, era destinado ao aprimoramento de professores. Organizado pela Divisão do ensino superior do Ministério da Educação, foi irradiado a partir de abril de 1941 até 1944 pela Rádio Nacional, às segundas, terças, quartas, sextas e aos sábados às 18h30, com duração de 25 minutos. Dentre os educadores que participaram desse projeto estavam: Francisco Venâncio Filho irradiando lições de Ciências, Carlos Delgado de Carvalho com aulas de Geografia, Lourenço Filho, transmitindo conhecimentos de Psicologia Educacional, Alceu de Amoroso Lima ministrando aulas de Sociologia, Alair Antunes, responsável pelos Fundamentos Biológicos da Educação, Fernando Silveira, que se incumbiu da Estatística Educacional, e Isabel Junqueira Schmitd, que respondeu pela Orientação Educacional. Por fim, *Ouvindo e aprendendo*

foi ao ar nos anos 1940, transmitido pela Rádio Nacional. Os textos eram escritos por Genolino Amado e irradiados por César Ladeira e Sônia Oiticica. Com duração de apenas cinco minutos, sua meta consistia em fornecer breves noções de gramática, ortografia, história e geografia.

São muitos os desafios envolvidos no estudo do uso do rádio em seus primeiros tempo. O principal deles talvez seja a falta de registros sonoros. Pouco restou do que foi transmitido, seja pela reutilização das fitas, já que o custo do material era alto, seja pela falta de iniciativa em preservar uma memória desse meio de comunicação; houve ainda alguns incêndios, que destruíram acervos inteiros. O fato é que difícil a localização dos registros, seja oral ou escrito, de um mesmo programa. Quando tal combinação é alcançada, o material não é farto. Ao estudar a *Viagem através do Brasil*, por exemplo, os textos lidos por Ariosto Espinheira ao microfone da Rádio Jornal do Brasil foram publicados pela Editora Melhoramentos de 1937 até 1942, transformando-se em uma coleção paradidática de nove volumes, intitulada *A viagem através do Brasil*. As gravações, no entanto não foram encontradas. No caso da *Universidade do ar*, muitos dos *scripts* utilizados por Lourenço Filho foram preservados em seu acervo, localizado no CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil), enquanto o registro oral se restringe a poucos programas localizados no Museu da Imagem e do Som (MIS), no Rio de Janeiro, embora estes não tenham sido aqueles elaborados por Lourenço Filho. No caso de *Ouvindo e aprendendo*, apesar da existência de vários *scripts* no arquivo pessoal de Genolino Amado sob a guarda da Fundação Casa de Rui Barbosa, consegui localizar poucos registros orais desta programação no MIS.

A carência de fontes, principalmente, das orais para o estudo da radiofonia suscita algumas questões: é possível estudar o rádio sem a localização da fonte oral? Quais as dimensões do estudo, quando se dispõe apenas da fonte escrita? É importante cogitar a possibilidade inversa, ou seja, da localização apenas das gravações, e, sob essas circunstâncias, como pensar essa oralidade? Partindo de tais problemáticas, este texto foi organizado em duas partes. Em um primeiro momento, será analisada a dimensão escrita da linguagem radiofônica dos programas educacionais, que envolve os *scripts* e as preocupações com a sua elaboração. Em uma segunda parte, a oralidade será o tema, a partir do que se esperava do *speaker* responsável pela irradiação das programações educativas, perpassando por fatores como o tempo e o imprevisto que

envolvem as transmissões. Sob ambos os aspectos, serão abordadas as possibilidades de análise que essas fontes podem proporcionar aos estudos sobre a história da educação por meio do rádio.

Para tais reflexões, os estudos de Certeau (1994) são fundamentais. Para o autor, a oralidade e a escrita são práticas de linguagem que não se confundem. A complexidade destes dois aspectos, integrantes da língua, não dá ensejo à possibilidade de uma simples divisão, tampouco à compreensão pela simples inversão. Embora a oralidade seja anterior à escrita, a modernidade depositou uma importância muito maior na segunda, que transformou o modo de se pensar o mundo: a escrita construiu um grande domínio. Ao estudar os caminhos dessa transformação, Certeau (1994) destaca pontos importantes tanto da oralidade quanto da escrita, que possibilitam reflexões importantes para as questões aqui levantadas.

### **Escrevendo para o rádio**

Na década de 1930, o rádio era um campo em construção. As discussões giravam em torno de muitas questões que envolviam a regulamentação da radiofonia. Muitas estações contavam com *castings* bastante reduzidos e, muitas vezes, o *speaker* era responsável não só pelas apresentações ao microfone, mas também pela redação do *script*, pelo estúdio e até pela captação de anunciantes que garantissem o patrocínio da atração. O acúmulo de papéis tão diferentes criava situações embaraçosas registradas pelos críticos: “E também para se pedir sem intenção de magoar ninguém que o professor Moyses escreva suas aulas de literatura popular na mesma estação, mandando-as ler por outro que não elle, para que tenha mais ouvintes” (*O diário de notícias*, 07/04/1935, p.15).

Com o crescimento das emissoras, as funções de redator e *speaker* tenderam a ser exercidas por pessoas distintas. As *Crônicas da cidade*, por exemplo, eram elaboradas por Genolino Amado, mas apresentadas por César Ladeira primeiramente ao microfone da Rádio Mayrinck Veiga e, depois, pela Rádio Nacional. Independentemente de tal aspecto, a presença do texto é constante. Eram raras as ocasiões em que o programa era totalmente improvisado, ainda que o responsável pelo

*script* fosse o próprio *speaker*, como no caso da *Viagem através do Brasil*, de Ariosto Espinheira. Os motivos desse fato podem ser pensados de muitas formas, desde a necessidade de orientação para a fala, a memória, até a censura, no período do Estado Novo, por exemplo, já que o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) exigia a apresentação prévia do conteúdo que seria apresentado. Pensar a valorização da escrita trazida pela modernidade, no olhar de Certeau (1994), pode ser um caminho para refletir sobre a necessidade de um *script* em programas cujo próprio autor, graças à sua capacidade de improviso, dispensava tal roteiro, o que muitas vezes acontecia. De acordo com esse raciocínio, ainda que a oralidade fosse anterior à escrita, a modernidade trouxe uma desvalorização do que era apenas oral. A escrita passou a ser um produto fundamental, no qual o homem associava a sua existência enquanto autor.

Nos arquivos pessoais, os *scripts* são encontrados com certa facilidade. Datilografados, alguns com rasuras, em diversos tipos de papel, com ou sem o timbre da emissora, publicados em livros, eles permitem diferentes tipos de análise. Para este texto, escolhi os aspectos da materialidade e do formato, sob o enfoque das prescrições que permeavam a sua construção, principalmente do que era dirigido aos programas educacionais.

### **Construindo o conteúdo para o rádio**

Ao ter contato com o conteúdo do *script*, uma primeira preocupação é com o olhar que a este se dirige. É importante que não se confunda com a atração que foi ao ar. Para tal exercício, Certeau (1994) nos lembra que o escrito não substitui o oral, pois o ato escriturístico marca justamente a ausência da oralidade. Assim, não há passagem de um pelo outro. As ciências que tentam estudar a voz esbarram, assim, na invencível diferença entre o escrito e o falado.

O domínio da escrita permite pensar o conteúdo em si, qual seria o propósito inicial do autor, qual sua intenção ao elaborar o texto, o que não se confunde com o que foi realizado, que já está na dimensão da oralidade. Por meio do textual, é possível perceber a escolha do tema, a forma como este se desenvolveu, e os recursos da lingüística que foram usados para conquistar a audiência. O contato com o texto da

*Viagem através do Brasil*, por exemplo, permite identificar a imagem do Brasil que Ariosto Espinheira gostaria de apresentar aos seus ouvintes, assim como as regiões do nosso território que ganharam maior destaque em sua programação. Ao microfone da Rádio Jornal do Brasil, Espinheira privilegiou, com um conteúdo maior, os estados da região sul do nosso país. Outro aspecto passível de, ser explorado a partir deste caminho, diz respeito aos referenciais teóricos a que o autor recorreu para elaborar tal visão do nacional. No caso da *Viagem através do Brasil*, ao final do texto há uma lista com os autores consultados para sua elaboração. Como se trata de um programa educacional, outro ponto passível de apreensão é a concepção do autor sobre a disciplina Geografia, sendo possível avaliar se ela é mais descritiva ou analítica.

Mais uma vez, o contato com o texto utilizado pelo *speaker* para a irradiação, o *script*, ou o que foi publicado em livro ou em revistas, faz toda a diferença. No primeiro caso, o *script* é a tentativa da escrita de orientar a fala. É como se fosse um roteiro, elaborado *a priori* da apresentação, que se conserva posteriormente com as marcas do que foi alterado. Já na segunda situação, o texto publicado, como é o caso da *Viagem através do Brasil*, remete a outro exercício, o da transcrição. Nesse ponto, Certeau (1994) nos lembra que o ato de transcrever, prática muito comum, é uma tentativa de substituir o oral pelo escrito. Ao estudar o conteúdo a partir da transcrição, pode-se cometer o erro de acreditar que o que está escrito foi capaz de captar tudo o que a oralidade expressou, o que é impossível. Nos textos da *Viagem através do Brasil* que foram publicados, há uma série de aspectos que orientam a leitura, tais como mapas, ilustrações e a divisão de capítulos que, não correspondem necessariamente a cada programa irradiado. As páginas da coleção estão repletas de desenhos de aviões e cenas de rituais folclóricos, de modo, que a forma de imaginação, despertada a partir da mera audição, é invadida pela imagem.

Os roteiros destinados a programas educacionais eram alvo de discussões em inquéritos patrocinados pela União Internacional de Radiodifusão, como, por exemplo, em congressos organizados pelo Institute of Radio Education, sediado nos Estados Unidos. Tais informações circularam no Brasil, tanto por meio de documentação oficial encontrada no arquivo de Gustavo Capanema, então Ministro da Educação, localizado no CPDOC, como pela publicação de *Rádio e educação* (1934), manual destinado aos professores, elaborado por Ariosto Espinheira.

Em particular, os anais intitulados *Education on the air* são resultado dos congressos realizados pela instituição Institute of Radio Education nos anos de 1930 e 1931. Durante dez dias, intelectuais ligados ao *broadcasting*<sup>4</sup> da Inglaterra, Estados Unidos, Canadá, México e Irlanda se reuniram na Universidade de Ohio para discutir questões da rádioeducação. Pela riqueza das informações ali debatidas, W. Charters, organizador do Congresso e professor daquela universidade, resolveu elaborar tais anais e publicá-los para que suas informações circulassem. A localização desse material na Biblioteca Central de Educação, organizada por Anísio Teixeira, atesta a sua circularidade.

Como destaca W. Chartes na introdução, os anais foram divididos em sete capítulos, a partir dos temas centrais das discussões: administração do rádio, experiências realizadas, instituições de rádioeducação, escolas do ar, estações radiofônicas, inquéritos e técnicas do *brodcasting* educacional. Nesse último item, o artigo *The techniques of preparing radio manuscripts*, de autoria de Mary Francis Philput (1930), professora da Universidade de Pittsburgh, se reveste de um interesse peculiar para este estudo. De início, ela estabelece a posição do autor do manuscrito para o rádio em local separado daquele ocupado pelo *speaker*. Na visão da articulista, quem escreve para o rádio deve ter a consciência de que o texto tem uma dinâmica única, que não se confunde com qualquer outra forma de comunicação. Ela explica que escolheu o título envolvendo a palavra técnica, pois se tratava de uma produção específica; o programa educacional diferia de qualquer outra atração radiofônica. Neste sentido, ela delineia cinco pontos que o autor deve ter em mente ao elaborar esse tipo de progrmação: o tempo destinado à locução, as formas de aproximação do ouvinte, a combinação de ideias, a estruturação das frases e o estilo.

Sempre enfatizando que tais orientações são fundamentais à elaboração do texto, ela inicia com as formas de aproximação do ouvinte. Philput (1930) chama atenção para a crescente sofisticação da audiência. Assim, ela lembra que o estímulo da sala de aula não é o mesmo do rádio. O assunto não pode ser tratado de forma tão superficial, a ponto de deixar lacunas no entendimento, e nem tão aprofundada, capaz de expor o ouvinte ao risco da monotonia. O autor deve estar certo de que seu texto é interessante, passível de prender a atenção daquele que se pôs diante do rádio. Para

---

<sup>4</sup> Termo inglês, apropriado por nossas emissoras para denominar a radiodifusão.

tanto, seria importante imaginar as expectativas do ouvinte, colocar-se no lugar do público, ter contato com a realidade de quem ouve a programação, e lembrar que o tempo para fazer-se entender é curto.

Philpurt (1930) credita ao autor um poder, que Certeau (1994) determina como estratégico, à medida que a partir da era moderna, escrever passou a ser uma atividade concreta, dotada de um poder sobre a exterioridade: na página em branco, é produzida a informação que não é mais fruto do sujeito passivo, e sim, ação da ordem da estratégia. Tal processo envolve três elementos: o lugar da produção para o sujeito, a construção do texto como uma caminhada regulamentada e a transformação do texto em um produto.

Ao analisar o lugar do sujeito a partir das experiências da *Viagem através do Brasil*, *Universidade do ar*<sup>5</sup> e *Ouvindo e aprendendo* percebemos que os responsáveis por sua redação, a saber, Ariosto Espinheira, Lourenço Filho e Genolino Amado, respectivamente, eram, acima de tudo, educadores e, como tais defendiam que a função do rádio deveria ser primordialmente, a de educar, e não apenas de divertir. Juntos, já haviam compartilhado a experiência da Rádio Escola Municipal (PRD5). Na era comercial da rádio, quando os sambas e os programas de calouros ameaçavam o espaço reservado à educação, continuaram investindo na radiofonia educacional, lutando, junto a outros educadores, pelo rádio como um veículo de transmissão de conhecimento.

Já a visão da elaboração do texto como uma caminhada regulamentada, pode ser evidenciada com as diversas recomendações de Philput, para a elaboração de textos destinados à radiofonia educacional, e que foram aplicados à redação da *Viagem através do Brasil* e da *Universidade do ar*. A clareza na apresentação do tema é uma delas. Ao iniciar a irradiação, Lourenço Filho não recorre ao suspense: “Sr ouvinte: Na palestra passada, tratamos das diferenças individuais. Hoje é a inteligência, e faremos referência ao modo de verificá-la com o emprego de pequenas provas ou testes” A *Viagem através do Brasil* utilizava o mesmo critério, anunciando prontamente a região que será o tema do programa: “Vemos agora, à frente, o rio Ibicuí que, como os rios Itapevi, Jacacuí, São João, Lajeado e Ibirapuitã, banha o município de Alegrete” (ESPINHEIRA, 1941, p.113). A preocupação com o vocabulário também é recorrente. Ainda que Espinheira recorra a inúmeros termos locais, com o objetivo de enriquecer o vocabulário do ouvinte, estes sempre são seguidos de explicações: “ À medida que o chimarrão vai se

---

<sup>5</sup> Apenas os *scripts* elaborados por Lourenço Filho foram localizados.

tornando fraco, encilham-no, isto é, substituem um pouco da erva velha por nova, para que o chimarrão continue no ponto” (p.30). No caso da *Universidade do ar*, as alterações feitas a tinta no texto inicial servem, muitas vezes para detalhar uma explicação, ou para diminuir as chances de uma compreensão equivocada do ouvinte: “Por meio deles, procuramos descobrir causas e condições, prever consequências, prescrever cuidados especiais da educação ou de tratamento (mental)” (LOURENÇO FILHO, 1942). O termo mental, entre parênteses, foi acrescentado.

*Ouvindo e aprendendo* apresentava um formato inovador. Em contraponto aos demais programas educacionais, tinha duração de apenas cinco minutos. Neste aspecto, a chamada do programa nos dá indícios da sua proposta: *o mais curto e mais instrutivo programa do rádio brasileiro*, ou seja, em um curto espaço de tempo, deveriam ser transmitidas explicações claras sobre determinado assunto. Em forma de diálogo, um casal de *speakers*, cuja voz masculina era de César Ladeira, apresentava temas como, por exemplo o significado das palavras ou o emprego correto de pronomes. A introdução era feita a partir de uma dúvida que era respondida com falas curtas e linguagem simples. O humor é outro recurso de aproximação.

*CÉSAR: Colega, hoje estou muito aborrecido, sabe?*

*AMELIA: Que pena, companheiro! E porque, hein?*

*CÉSAR: Porque descobri afinal que sou um imbecil...*

*AMELIA: Ora, Cesar! Que absurdo! Nem diga uma coisa dessas!*

*CÉSAR: Tenho que dizer, pois é a pura expressão da verdade...*

*AMELIA: Qual você não está bom da cabeça! E não fale assim contra si mesmo porque muita gente pode ouvir...*

*CÉSAR: Que me importa? Quase que só serei ouvido por outros imbecis como eu...*

*AMELIA: Que horror! Não ofenda quem está escutando nossa conversinha...*

*CÉSAR: mas não há ofensa nenhuma. Você se engana... Empreguei o termo na significação a que tinha no velho latim...*

*AMELIA: Que é o idiota, cretino, sem pingo de inteligência no cérebro...*

*CÉSAR: Não senhora! No sentido rigoroso da palavra, imbecil quer dizer apenas quem anda sem se apoiar numa bengala ou num bastão...*

(Arquivo Genolino Amado)

Por fim, o texto passa por etapas que proporcionam uma passagem a outro mundo, o do produto. Esse produto traz as marcas da apropriação de um universo exterior. Ao ler os textos destinados à *Viagem através do Brasil*, à *Universidade do ar* ou à *Ouvindo e aprendendo*, não há como deixar de perceber que eles se destinam ao diálogo com o ouvinte, e que possuem uma linguagem radiofônica. Em vários

momentos há referências a possíveis sensações despertadas, dúvidas ou curiosidades, por exemplo. Em *Ouvindo e aprendendo* há referência às pessoas que *estão ouvindo a nossa conversinha*. A *Viagem através do Brasil* registra, em vários momentos, a preocupação em situar os *amiguinhos* no trajeto percorrido pelo avião.

Ao analisar as três dimensões presentes na elaboração da escritura propostas por Certeau (1994) percebe-se toda a importância do material escrito nas transmissões. É notável o caráter fundamental do texto, pois este permite a preparação do que irá ao ar, revela marcas do que o autor especificamente gostaria que fosse transmitido e a maneira como seria irradiado. É novamente a marca da importância da escrita na modernidade destacada por Certeau (1994). O rádio, embora pertença que ao domínio da oralidade, não se afasta do escrito, ainda que este não tenha o poder de determinar o que vai ao ar, pois a oralidade possui uma exterioridade que a escrita é incapaz de captar.

### **Marcas que falam**

Nos estudos sobre o rádio, os *scripts* têm grande importância. Para além de uma forma de registro do conteúdo que foi apresentado, a sua materialidade pode nos dar indícios de alguns aspectos que envolveram a atração radiofônica, dentre os quais destacam-se os seguintes: o timbre da emissora marcado no papel, as rasuras, que indicam cortes, as marcações feitas a caneta no texto datilografado, destacando algum ponto a ser lido com mais entonação, e os números que orientam a entrada de cada *speaker*.

Ao pesquisar os programas, a localização do texto que foi lido no ar, representa, sem dúvida, um grande avanço. Em alguns arquivos, consegui encontrar os textos utilizados por ocasião da irradiação, os *scripts*: que foram lidos por Lourenço Filho, na *Universidade do ar* ao microfone da Rádio Nacional e o que foram utilizados por Cesar Ladeira em *Ouvindo e aprendendo*. O *script* pode trazer marcas da leitura, como palavras ou trechos cortados, vocábulos substituídos, que remetem desde uma leitura de última hora ao olhar de uma segunda pessoa ou até a censura. No texto publicado tais registros foram apagados, e, por consequência, indícios de poderiam nos revelar como este foi construído e utilizado, se perderam. Nos *scripts* da *Universidade do ar*, por

exemplo, várias alterações foram feitas a tinta no texto datilografado. Em uma destas, uma seta indica a citação das cartas recebidas e os seus remetentes, sinalizando que estes nomes serão lembrados na irradiação. Em outros trechos, há uma substituição de termos por outros que, supostamente, expressariam melhor a idéia do autor: na frase “Alguns ginásios do Rio de Janeiro a aplicam sempre com excelentes resultados” (LOURENÇO FILHO, 1942, s/p) em uma referência à organização de classes homogêneas, *sempre* é trocado por *também*, alterando o sentido.

Outra observação que a materialidade dos *scripts* permite é o formato que os textos possuem. Enquanto os textos de Lourenço Filho e Ariosto Espinheira são um bloco único, o que remete à responsabilidade da apresentação a um único *speaker*, *Ouvindo e aprendendo* tem falas marcadas por nomes diferentes, o que indica entrada de diferentes falas, sendo feita por dois *speakers*.

As marcas do suporte escrito também permitem diferentes olhares. Assim, papéis timbrados, como os da Rádio Nacional, associam a atração a uma determinada emissora, marcando um vínculo, uma predisposição, ou seja, *a priori*, aquele texto teria sido elaborado para aquele espaço, com o aval da diretoria. Carimbos e assinaturas também indicam, com o propósito de alteração, a necessidade de um aceite de algum diretor da rádio.

### **As ondas que chegam ao ouvinte: a oralidade em questão**

Sem dúvida, o rádio tem uma forte relação com a oralidade. É a voz que conquista o ouvinte, que dá asas à sua imaginação. A sonoplastia que simula uma viagem a outro mundo, do teatro, da música, das risadas. Não se tem a imagem para determinar, apenas o som. Em relação a tal aspecto, o oral inicialmente se concentra na pessoa do *speaker*. Entre os educadores, o *speaker* também era valorizado. Ao tratar da questão em *Rádio e educação* (1934), manual destinado a professores sobre questões da radiofonia em sala de aula, Ariosto Espinheira expõe algumas disputas em torno do campo. Embora faltasse ao *speaker* comercial a familiaridade com os métodos de ensino, esse profissional sabia fazer vibrar o auditório e comunicar com entusiasmo, fatores importantes. Já aos mestres que se propunham a enfrentar o microfone: *Sem*

*pretender excluir os professores, a maioria dos técnicos constata que estes têm uma tendência natural para darem as suas exposições a forma de uma lição ordinária* (ESPINHEIRA, 1934, p.67). Sendo assim, o *speaker* de programas educacionais deveria ter uma formação própria, pois os profissionais que se dedicavam às transmissões comerciais concentravam seus atributos na dicção, que, apesar de um fator importante, era insuficiente para atender às necessidades das transmissões da rádio-escola.

Com base em experiências anteriores, ficava clara a defesa de uma formação específica para aqueles que ocupariam a função *speaker* em programas educacionais. Tentando atender a demanda por vozes adequadas para ocupar o microfone da Rádio Escola Municipal (PRD5), Roquette-Pinto criou um curso de formação de *speakers* para professores no próprio Instituto de Educação no Rio de Janeiro.

Já Philput (1930) acha que a escolha do *speaker* é muito importante; os programas educacionais deveriam direcionar mais a sua preocupação com a seleção dessas pessoas, com objetivo de conquistar a audiência. O autor do texto para o rádio não teria de possuir necessariamente os atributos para desempenhar tal função: uma voz marcante, charme e uma capacidade de realizar uma leitura dinâmica ao microfone.

Ao abordar o tempo destinado à locução, Philput (1930) nos fornece indícios do quanto o texto se distancia da oralidade quando a programação vai ao ar. Ela calcula que a leitura de um texto de quinze minutos represente o gasto de trinta minutos de irradiação, pois o microfone impõe uma voz bem mais pausada. Assim, ela alerta para um erro comum, que é a extensão do manuscrito, o que leva ao corte de alguns parágrafos, deixando a impressão de algo não concluído ou de uma certa falta de sentido. No caso da *Universidade do ar*, o texto inicial, que falava sobre adolescentes considerados maus alunos, mas que, na verdade, eram vítimas de situações de desencorajamento e sentimento de inferioridade não compensado, era ilustrado por dois exemplos detalhados, que ocupavam dois parágrafos com 28 linhas; estes foram cortados e substituídos por duas linhas conclusivas: “ Pois bem, para que essa compensação possa ser feita, devemos proceder à orientação educacional” (LOURENÇO FILHO, 1942,s/p).

Ao relatar um ritual que associa o autor do manuscrito ao locutor, Philput (1930) nos torna a fornecer indícios desse processo. Aos autores é aconselhado que o texto seja sempre lido previamente à irradiação junto ao *speaker*. Isso serve para que o autor indique os pontos que devem ser enfatizados pela voz, e corrija algumas palavras

que, com o som, descobriu não serem as mais adequadas. Ao final, estes pontos de correção devem ser resumidos para que não sejam esquecidos ao microfone.

Por outro lado, Philput (1930) comenta que muitos professores que conseguem dimensionar suas aulas para os trinta minutos da atração radiofônica, ao voltarem para sala de aula, consideram-se muito extensos, e têm a sensação de que são pouco objetivos em suas explicações. A eles, ela alerta que se trata de meios totalmente diferentes, insuscetíveis de serem comparados. A aula radiofônica corresponde ao ato de apontar o dedo em uma direção, por força de uma exigência específica da mídia. O tempo da disciplina é outro, e permite um aprofundamento que é incompatível com a irradiação.

A consideração de tantos aspectos referentes à transmissão deixa clara a especificidade deste tipo de material para os estudos do rádio. A fonte oral oferece outras dimensões da análise: o que foi realizado, e que, por sua vez, não se confunde com o *script* que está na intenção. A voz, o timbre, o imprevisto, a entonação dada às frases fazem toda diferença àquele que procura compreender determinados aspectos da atração radiofônica. No caso da *Viagem através do Brasil*, por tratar da geografia e do folclore de nosso país, tais lacunas de compreensão logo aparecem: Quais os recursos sonoros utilizados para simular a viagem de avião? Esta viagem era anunciada ou se recorria apenas à sonoplastia? Como se apresentavam as músicas regionais? Havia gravações ou o próprio Espinheira cantava? Havia mudança na voz para ilustrar os diferentes sotaques das regiões?

O tempo da atração só pode ser apreendido através da audição. Conforme se depreende das próprias orientações dadas por Philput (1930) esse aspecto é muito importante para a conquista da audiência. Ouvir nos ajuda compreender as estratégias utilizadas nesse sentido, que são únicas ao seu momento e ao programa. A *Viagem através do Brasil* uma atração diária destinada ao público infantil, não poderia ter o mesmo ritmo e dinâmica que a *Universidade do ar*, com apresentações voltada à professores, ainda que ambas tivessem aproximadamente meia hora de transmissão.

Neste âmbito, as gravações de *Ouvindo e aprendendo* possibilitam apreender muitos aspectos. A música escolhida para a apresentação deste programa tem um ritmo acelerado, o que indica o dinamismo da atração. O efeito do formato de diálogo escolhido para a apresentação é outro fator interessante. À medida que as vozes se

intercalam, a informação é destacada, evitando, assim, que se instaure um clima de monotonia.

Tais perspectivas podem possibilitar análises únicas. Contudo, a audição do programa não permite o acesso a todos os seus significados, e nem é este o objetivo da análise histórica. Ao estudar a oralidade, Certeau (1994) distingue uma dimensão para além da oral e da escrita, que são as vozes do corpo. Essas são trajetórias únicas: “um corpo plural onde circulam efêmeros, rumores orais, eis o que vem a ser essa estrutura desfeita, cena para vozes” (p.257). Assim, nem mesmo a fonte oral nos propiciaria o acesso ao ouvinte, e nem permitiria identificar que trajetória fez o som ao entrar em contato com seu corpo. Não há tradução possível, apenas o que significou para você, pesquisador, ao conhecer esta fonte. O que se fala é por si, não pelo outro.

### **Diferentes caminhos e um objetivo**

O tema deste artigo surgiu a partir de um equívoco cometido ao analisar as fontes para a elaboração de minha tese sobre programas educacionais radiofônicos, nas décadas de 1930 e 1940: confundir o texto publicado, no caso da *Viagem através do Brasil*, com a programação radiofônica de mesmo nome. Prosseguindo nos meus estudos, percebi que este era um erro grave. De fato, o rádio possui a especificidade da oralidade, ou seja, dispõe de recursos para transmissão do conteúdo que são diferentes daqueles do livro. A publicação possui as imagens, os grifos, os parágrafos... Já a radiofonia tem as variações do timbres de voz e outros recursos de sonoplastia para transportar o ouvinte ao mundo proposto pelo autor. As falhas técnicas que provocam ruídos e falhas de transmissão também geram alterações no conteúdo.

Diante da constatação de que o conteúdo da *Viagem através do Brasil* não poderia ser analisado como o programa homônimo, ainda que o conteúdo publicado e irradiado fosse o mesmo, surgiram outras questões: Qual o caminho a seguir caso a fonte oral desta programação não fosse encontrada? Eu deveria descartar o estudo sobre este programa educacional radiofônico pela falta da fonte oral, apesar de inúmeros indícios sobre a sua importância?

Com o desafio de encontrar o caminho que me permitisse analisar *A viagem através do Brasil*, passei a investir em estudos sobre a oralidade e a escritura. A partir da percepção de que estas têm dinâmicas próprias, ainda que estejam presentes no mesmo objeto, a saber, no caso o rádio, concluí que cada tipo de fonte requer um olhar próprio, que aproveite suas potencialidades e respeite seus limites. Sendo assim, não se deveria procurar através da fonte escrita a aproximação da fonte oral, mas análises que revelassem, nas dimensões do escrito ou no oral, de forma isolada, características que auxiliassem na compreensão do programa radiofônico.

O passo seguinte foi o exercício que acho fundamental a todo historiador: revisitar arquivos já catalogados, buscando novos olhares, a partir de diferentes formas de análise. Assim, percebi a especificidade dos *scripts*, do texto publicado e da gravação. Se no primeiro momento, utilizei para este tipo de fonte, recursos de análise bem parecidos com aqueles do texto publicado, por estarem situados na mesma dimensão do escrito, em minha segunda visita, notei o quanto isso empobrecia meu estudo. O *script* possui uma série de marcas que foram apagadas na publicação, pois não seriam úteis ao simples leitor. No entanto, eram fundamentais ao *speaker*, como, por exemplo, a marcação das falas, o momento da execução de uma música ou a pausa para os anúncios. Isto nos aproxima do dinamismo da linguagem radiofônica, que é fundamental à compreensão de um programa. O texto publicado apresenta uma clareza em seu conteúdo, atributo este que falta ao *script*. O conteúdo adquire um novo formato, com ilustrações, e mapas que orientam a leitura e revelam os recursos que o autor usou na elaboração do texto, como, por exemplo, os referenciais teóricos. Já a gravação, no domínio da oralidade, propicia análises singulares: o tempo, o improvisado, e o tom que não podem ser percebidos pelo escrito: uma fala irônica é escrita da mesma maneira que uma afirmativa.

Ao final, concluí que o programa radiofônico possui diferentes dimensões, sendo todas elas importantes para a compreensão do significado do espetáculo no seu tempo. Desta forma, estudos sobre a história do rádio podem ser desenvolvidos tanto por meio de fontes escritas quanto das fontes orais, neste ímpeto podem ser comparadas a janelas, que oferecem determinados ângulos de uma paisagem. A paisagem completa não é possível, nem é este o objetivo da história como ciência, pois seria um trabalho em vão. Assim, com muitos obstáculos, ainda são muitos os caminhos que podem nos transportar ao passado da radiofonia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

ESPINHEIRA, Ariosto. **Rádio e educação**. São Paulo, Companhia Melhoramentos, 1934.

\_\_\_\_\_. **Viagem através do Brasil 1º.volume, Brasil setentrional (Amazônia)**. São Paulo, Companhia Melhoramentos, 1939.

\_\_\_\_\_. **Viagem através do Brasil 2º. volume Brasil norte-oriental (nordeste)**. São Paulo, Companhia Melhoramentos, 1939.

\_\_\_\_\_. **Viagem através do Brasil 3º. volume Brasil oriental (Baía, Espírito Santo, Estado do Rio)**. São Paulo, Companhia Melhoramentos, 1940.

\_\_\_\_\_. **Viagem através do Brasil 4º. volume Brasil oriental (Minas Gerais)**. São Paulo, Companhia Melhoramentos, 1940.

\_\_\_\_\_. **Viagem através do Brasil 5º. volume Brasil sul (Rio Grande do Sul)**. São Paulo, Companhia Melhoramentos, 1941.

LOURENÇO FILHO, M. **O desenvolvimento da inteligência**. Mimeo, 1942.

PHILPUT, Mary Francis. The techniques of preparing manuscripts. In: **Education on the air. First year book of the Institute for education by radio**, Ohio State University, 1930.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. Arquivo Genolino Amado. Série Produção intelectual.